

Saudação a Samuel Celestino

Edivaldo M. Boaventura

Esta é uma noite transfigurada pela passagem do legado de Jorge Calmon a Samuel Celestino. De mestre a discípulo assegura-se a herança maior da liberdade de expressão.

Estamos, de um lado, em face da herança acadêmica de Jorge Calmon, cuja sombra realizadora cobre de lembranças edificantes a Academia, e, do outro, a chegada alvissareira de Samuel Celestino da Silva Filho.

A liderança de Jorge Calmon desenvolveu-se plenamente na imprensa, alcançou os mais elevados postos em *A Tarde*. Do jornal, transbordou para a comunidade a sua capacidade de servir.

Dentre as muitas organizações de que participou, destacam-se o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a Associação Bahiana de Imprensa e a Academia de Letras da Bahia. Nesta ingressou em 7 de julho de 1965, quando completava cinquenta anos. Como servidor da cultura, foi um mestre da tradição.

Com ele obtivemos a sede, este belo Solar Góes Calmon. Com o seu apoio, ampliamos a biblioteca, cujo novo pavilhão, com muita justiça, tem o seu nome. Era sócio titular, acadêmico de número e membro benfeitor. Serviu a esta instituição com abnegada dedicação. Quando presidente, de 1977 a 1979, instituiu cursos permanentes como o Curso Castro Alves, que funciona até hoje. Um de seus últimos gestos de carinho foi restituir o

requite da antiga sala de jantar com pratos brasonados, embelezando o nosso sítio predileto de reunião.

Se grandes foram as suas contribuições, maiores, os contributos morais no engrandecimento deste sodalício. O processo de escolha de candidatos, defensivamente, por ele concebido, é um exemplo que bem atesta o seu estilo.

Iniciamos o processo sucessório com a declaração da vacância da cadeira número 23. Somos reconhecidos à acadêmica Consuelo Pondé de Sena pela tocante oração da saudade. Naquele singular momento, Jorge Calmon Filho depositou na Academia medalhas e insígnias de seu pai. A Academia agradece mais uma vez à família a significativa doação.

A Academia encontrava-se em face do dilema de transmitir o seu legado de realizações. Cuidadosamente, preparamos a sucessão, conforme o rito por ele prescrito. Sucessão que implica escolha em um restrito universo de números fechados (*numerus clausus*). Recorde-se que sucessão se aproxima de sucesso, ambos os lexemas têm a mesma raiz latina: *successione, successu*.

A Cadeira número 23, que de hoje em diante será de Samuel Celestino, tem como patrono Antônio Januário de Faria, orador imaginoso e fluente, componente da Escola Médica Baiana. Também foi médico o seu fundador, João Américo Garcez Fróes, professor de Medicina Legal. O poeta Sílvio Valente, que não poupou os seus professores da Faculdade de Direito, excepcionou: “O velho Fróes é uma instituição”.

Na Bahia culta, para onde nos movemos, sempre encontramos médicos. A cultura médica é uma constante no contexto erudito baiano e a pesquisa médica é pioneira e talvez seja ainda a mais desenvolvida entre nós. Há médicos na literatura, na educação e, também, na política, com inúmeros desses profissionais exercendo o cargo de prefeitos municipais. Nesta Companhia, o partido dos médicos é forte, tanto ontem como hoje. Presentemente, para honra da Companhia, contamos com o reitor e governador Roberto Santos, com Aramis Ribeiro Costa, conhecedor dos atos

constitutivos, o qual nos presta relevantes serviços na revisão das normas da Casa, e com José Carlos Capinan, poeta e compositor, também formado em Medicina.

O jornalista Jorge Calmon sucedeu a um médico. A propósito, Paul Valéry, conhecedor dos mistérios e das funções dos Sodalícios, ensina que não há especialidade nas Academias; pelo contrário, existe plena liberdade na escolha dos candidatos. Pode um poeta suceder a um general e um romancista, a um historiador. Assim procede a Academia Francesa, nosso paradigma maior.

Não havendo obrigação de tomar novos membros dentro de uma mesma categoria profissional, surgem, comunitariamente, personalidades significativas que trescalam tendências, tradições, desejos e anseios de convivência acadêmica. Jornalistas profissionais que se expressam muito bem pelas letras têm sido bem vindos a esta Academia.

Como toda sucessão, a de Jorge Calmon foi ponderada, pois não se tratava apenas de uma simples substituição. A instituição fundada por Arlindo Fragoso pesou e indagou: a quem entregar o legado de Jorge Calmon Moniz de Bittencourt? Era o nosso problema.

Um nome se impôs pelo consenso à nossa consideração. Um nome de talento ligado ao antecessor por fortes laços profissionais, de amizade, de competência e de credibilidade. Confessadamente, Samuel Celestino tem não somente reconhecido como enaltecido o aprendizado com Jorge Calmon. A sucessão aconteceu dentro da mesma linha de ocupação profissional, de jornalista para jornalista, ambos profissionais de imprensa, ambos de *A Tarde*.

Em uma palavra, a sucessão se efetivou pelo vínculo da aprendizagem envolvida pelo respeito e aquecida pela saudade.

O jornalismo entrou na vida do recipiendário em razão da política. Samuel Celestino é baiano de Itabuna, fez o curso secundário, em Salvador, nos Colégios Estaduais Severino Vieira e Central da Bahia. Em 1965, estudava Direito e participava do movimento estudantil universitário quando foi trabalhar como

“foca” no *Jornal da Bahia*, o aguerrido jornal fundado pelo feirense João Falcão.

O que o conduziu a procurar este jornal elaborado por um grupo de jovens idealistas “foi, basicamente, a necessidade de uma maior participação política, a partir do jornalismo”.

Uma vez formado em Direito pela Universidade Federal da Bahia, em 1967, Celestino encontrava-se entre a carreira jurídica e o jornalismo. O jornalismo venceu o jovem advogado. No final de 1968, quando foi exarado o Ato Institucional nº 5, nos chamados anos de chumbo, passou a dedicar-se ao jornalismo político. De repórter especial e repórter político do *Jornal da Bahia*, passou algum tempo no *Diário de Notícias*, prestou assessoria jurídica e jornalística e chegou a ser gerente do extinto Banco do Estado da Bahia (Baneb); efetivamente, a sua vocação sempre foi o jornalismo político.

Em 1975, ingressou em *A Tarde* para chefiar a editoria de política. Já era, então, comentarista político. Anos depois, demite-se como repórter e cria a sua empresa de consultoria em 1988, a Fórum Comunicações, e passa a assinar a coluna diária *Samuel Celestino Comenta*. Foi um momento decisivo na sua carreira de jornalista. Por algum tempo, chefiava a sucursal da Empresa Brasileira de Notícias (EBN), do Ministério da Justiça.

Em 1999, quando deu à estampa o seu livro *Política, fatos e tendências*, Samuel conta como aconteceu o chamado:

Meu querido mestre Jorge Calmon trouxe-me para *A Tarde* para ser o editor político do jornal, posto em que permaneci durante 14 anos, ininterruptos, até que, cansado das duras tarefas da redação, sem horário para, à noite, concluí-las, resolvi parar.

E mudar.

Já redigia e assinava, enquanto editor, artigos e comentários políticos para o jornal. Uma, duas vezes por semana. Jorge gostava do meu estilo, então, me propôs a coluna, como uma forma de me “alforriar” da redação.

Um novo desafio, aceito de imediato. Em 1988 deixei, então, a editoria trocando-a pela coluna diária.

E o sucesso da coluna tem sido marcante, digo eu.

Mas Samuel escreve para o jornal todos os dias, há mais de trinta anos. Desenvolve, em estilo direto e bem fundamentado, o acontecer da vida política, quer a política nacional e especialmente a política baiana, que conhece profundamente, quer a vida partidária. Discute, preferencialmente, os problemas econômicos, como os da região cacauêira, privatizações, transportes, comunicações, turismo.

Conduzido pelo hábito e pelo gosto de escrever, *corrente calamo*, afirma-se cada vez mais como um profissional, intelectualmente independente. A redação foi sua tenda de aprendiz. O desenvolvimento profissional possibilitou o sucesso em várias frentes da comunicação. Ilustra bem a sua capacidade criativa o seu site *Bahia Notícias* com 13 a 150000 acessos/dia.

Ainda é Jorge Calmon, jornalista experimentado, que, ao tratar do comentarista de política, traçou o perfil de Samuel Celestino:

O comentarista político é esse profissional. Afora a autonomia de texto, que é condição elementar, tem de possuir maturidade, para opinar com segurança, independência – ou seja, desvinculação de compromissos – e amplo conhecimento dos fatos ocorridos na cena pública. Deve, também, saber o suficiente de Ciência Política e de Direito Público.

A formação jurídica adquirida na Faculdade de Direito dotou o jornalista Samuel do lastro teórico indispensável ao comentário político.

Além desses reconhecidos requisitos, o espírito público e a credibilidade o credenciaram junto aos políticos, aos leitores de *A Tarde* e aos colegas. A determinação do seu temperamento enérgico e a imparcialidade no informar o qualificam como um dos melhores críticos brasileiros da política. Como dizia Getúlio Vargas: “Entendida, como deve ser, a profissão de jornalista confina com o exercício de um sacerdócio”.

A classe dos profissionais da imprensa acatou a sua liderança e o escolheu, primeiramente, para presidente da Associação Baiana de Cronistas Políticos (1968-1970); em seguida, para vice-presidente e, logo, para presidente da Associação Baiana de Imprensa (ABI), a partir de 1986 até o momento. Neste posto de liderança, distingue-se pelo prestígio e pelo respeito da comunidade baiana.

Sempre reconhecido ao seu mestre, empreendeu pela ABI o levantamento da memória da imprensa baiana, iniciando pelo bem lançado vídeo “Jorge Calmon”, recentemente exibido.

O reconhecimento do destacado papel na imprensa deste novo acadêmico expressa-se em inúmeros títulos, medalhas e condecorações recebidos.

As suas colunas são testemunhas do tempo. Transmudam-se em fontes de pesquisa. Os acontecimentos políticos, diuturnamente comentados, documentam vivamente a história política baiana, matéria do maior interesse de nossa confreira Consuelo Novais Sampaio. É um exemplo, como fonte de informação, o comentário sobre a tentativa de pacificação do governador Luiz Viana Filho. Textualmente, observa Samuel:

Não foi contado, até onde eu li neste final de semana em que se reverenciou o centenário de nascimento de Luiz Viana Filho, que, como governador da Bahia, após ter sido chefe da Casa Civil do primeiro presidente do ciclo militar, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, foi ele quem tentou realizar [...] um movimento rotulado de “Pacificação Nacional”.

A ditadura só iria recrudescer com o AI-5, em dezembro de 1968.

Luiz Viana Filho e o governador de São Paulo, Abreu Sodré, tão elegante quanto o governador baiano, iniciaram conversações políticas que tinham como propósito introduzir, na classe política, um clima de concórdia, de modo que pudesse haver uma interlocução aberta, cujo objetivo era o retorno à democracia. O movimento fracassou, como a história registra, e veio a renascer no governo Ernesto Geisel, com Golbery do Couto e Silva e a

tese da “distensão política, lenta e gradual”, passo importante para a revogação do AI-5.

Com a desenvoltura com que escreve, Samuel traça um simpático perfil do político e escritor Luiz Viana Filho, com quem tinha “atritos afáveis” e explica: “porque a ele dirigia muitas perguntas, algumas das quais impertinentes e ousadas para a época”. Constantemente, em suas crônicas, escreve pequenos tópicos, aprecia personalidades e narra curiosidades que dão mais colorido à sua coluna.

Ao concluir esta resposta, como se denomina a saudação acadêmica, começo por dizer que a escolha de Samuel Celestino reforça a presença dos jornalistas na Academia. A tradição vem de longe. Desde a criação deste sodalício tivemos jornalistas entre os fundadores do nível de Simões Filho, Aloysio de Carvalho Filho (Lulu Parola); Virgílio de Lemos; o próprio Arlindo Fragoso, fundador da Academia e, ainda, Torquato Bahia e Homero Pires. Mais recentemente, Altamirando Requião, Lafayette Spínola, Leopoldo Braga, Luiz Monteiro da Costa, Odorico Tavares, Antônio Loureiro de Souza, Cruz Rios, Guido Guerra. A tradição continua, presentemente, com Florisvaldo Mattos, poeta agrário e editor-chefe de A Tarde, Hélio Pólvora, pena de prata e competente editorialista do jornal de Simões Filho, e João Carlos Teixeira Gomes, lutador destemido da imprensa e excelente articulista.

Há jornalistas que buscam, fora das redações, a sua afirmação de escritor, produzindo e publicando pelo hábito e pelo prazer de escrever. Por outro lado, dificilmente encontraremos estudiosos, professores, críticos literários, homens de letras e acadêmicos que não se tenham exercitado em crônicas, artigos e colaborações para o jornal. O consenso demonstra o relacionamento universal muito estreito entre o jornal e a literatura.

Nesta tomada de posse, percebemos a sua trajetória plena de afirmações com veredas florescentes de uma liderança confirmada.

A Academia entrega-lhe o legado de Jorge Calmon e o insere na ilustre coorte dos jornalistas.

A convivência é o nosso mister.

A Academia é uma honraria, mas é, também, serviço.

A Academia tem por missão construir e disseminar o conhecimento sem fronteiras.

A Academia de Letras da Bahia está aberta à comunidade baiana porque tem muito a receber e, mais ainda, a doar.

A nossa Academia é uma encarnação coletiva da Bahia e o símbolo de sua cultura diante do Brasil.

Seja bem vindo ao nosso convívio, meu caro confrade Samuel Celestino.

Discurso de saudação a Samuel Celestino Silva Filho, em sua posse na cadeira nº 23 da Academia de Letras da Bahia – Sessão solene, em 21 de agosto de 2008. Edivaldo M. Boaventura ocupa a cadeira nº 39 da ALB.